

PAREAMENTO FORMA-FUNÇÃO EM CONSTRUÇÕES CONFORMATIVAS ORACIONAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Myllena Paiva P. de Oliveira

Orientador: Ivo da Costa do Rosário

Mestranda

RESUMO: O objetivo é analisar e descrever a construção conformativa oracional, de modo a detectar possíveis subfunções presentes em suas instanciações de uso, buscando desenhar parcialmente a rede construcional do domínio conformidade do português brasileiro. Adotou-se a abordagem da linguística funcional centrada no uso, especialmente a teoria da construcionalização. Para este trabalho, utiliza-se como corpus de análise a Revista Poli – Saúde, Educação e Educação, disponível no endereço eletrônico <<http://www.epsjv.fiocruz.br/publicacoes/revista-poli>>, restringindo-se a verificar as edições da revista que correspondem aos anos 2015 e 2016. Conclui-se parcialmente que dentro do domínio funcional da conformidade, abrem-se duas microconstruções, com formas e funções bem delimitadas. Percebe-se que diferentes formas acarretam diferentes funções pragmático-textuais para as conformativas em língua portuguesa, conforme preconiza a abordagem teórica. **PALAVRAS-CHAVE:** subordinação adverbial, conformativas, construcionalização, pareamento

INTRODUÇÃO

A Gramática Tradicional – modelo de descrição da língua voltado para o ensino escolar que tem como base uma abordagem filosófica (Martelotta, 2009) – cumpre a sua função de padronizar a língua e garantir que os falantes se compreendam em determinado momento histórico. Contudo, deixa lacunas na medida em que não coloca em questão as complexidades potencialmente flagradas na língua. Por isso, alguns estudiosos, especialmente os da Linguística (Funcional) Centrada no Uso (LFCU), têm-se dedicado a descrever o sistema linguístico tal como acontece em situação real de uso, buscando evidenciar os detalhes e os casos ambíguos e graduais que não são observados em estudos tradicionais.

As chamadas orações adverbiais conformativas, cujas informações fornecidas pelos gramáticos (Almeida, 1964; Rocha Lima, 1972; Kury, 2003; Bechara, 2009; entre outros), especialmente os normativos, são superficiais e lacônicas, não são exceção à regra. Assim, faz-se necessário um estudo mais específico sobre as orações adverbiais conformativas, a fim de elucidar o uso desse tipo de oração em língua portuguesa. Vale lembrar, contudo, que estudos mais inovadores avançam na discussão do assunto (Mira Mateus *et al.*, 2003; Castilho, 2010; Neves, 2011; Raposo *et al.*, 2013; entre outros).

Como aqui se adotaram os pressupostos da LFCU, sobretudo da Abordagem Construcional da Gramática – que será melhor detalhada mais adiante –, optou-se por denominar o objeto deste estudo de *construções conformativas oracionais* (Neves, 2011).

O objetivo deste presente artigo, portanto, é analisar e descrever a construção conformativa oracional, de modo a detectar possíveis subfunções presentes em suas instâncias de uso, buscando desenhar parcialmente a rede construcional do domínio conformidade do português brasileiro.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A LFCU entende que a gramática é a "representação cognitiva da experiência dos indivíduos com língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico" (CUNHA, Bispo e Silva, 2013, p. 14). Ou seja, fatores interacionais e princípios cognitivos influenciam na elaboração do sistema linguístico (Traugott, 2004).

A abordagem construcional da gramática (Traugott e Trousdale, 2013), inserida no âmbito da LFCU, norteadora deste presente trabalho, entende a gramática de uma determinada língua como uma rede de construções. O conceito de construção, para os autores Traugott e Trousdale (2013), pode ser representado da seguinte maneira:

[[F] ↔ [S]], em que F representa a forma e S, o significado. Na categoria *forma*, os autores inserem sintaxe, morfologia e fonologia; na categoria *significado*, inserem discurso, semântica e pragmática. A seta com dupla direcionalidade indica a relação equitativa entre forma e significado, que estão dentro dos colchetes representando a convencionalidade desse pareamento construcional.

O pareamento forma-função, conforme descrito por Traugott e Trousdale (2013), é fundamental para a elaboração deste trabalho, haja vista que com base nessa noção que se poderá organizar a hierarquia construcional do domínio cognitivo *conformidade* (Teixeira e

Rosário, 2016) e descrever as construções conformativas oracionais. Isso porque, ao tratar de construcionalização, os autores argumentam que se configura uma construção, ou seja, um novo nó na rede, quando há o estabelecimento de uma nova forma para um novo significado. Ou seja, caso se identifiquem formas diferentes para um mesmo significado, ou vice-versa, não se tem uma nova construção, mas sim o que os autores chamam de mudança construcional. Além disso, esse pareamento forma-função pode ser estendido ao nível oracional, de acordo com Traugott e Trousdale (2013). Nas palavras dos autores, o interesse atual da

gramática de construções, pelo menos a representada nos trabalhos de Goldberg, Croft e Langacker, privilegia uso e habilidade cognitivas; língua é vista como um sistema de signos, entendidos como um pareamento de forma e significado, **desde o morfema até uma cláusula complexa**. (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 44, tradução livre, grifos nossos)

Esse argumento valida nosso esforço para tentar demonstrar que as tradicionais orações adverbiais conformativas são um tipo de construção e que, por isso, são compostas de uma face significativa e outra sintática, formal, tal como os autores sugerem (Traugott e Trousdale, 2013).

Para este trabalho, utiliza-se como *corpus* de análise a *Revista Poli – Saúde, Educação e Educação*, disponível no endereço eletrônico <<http://www.epsjv.fiocruz.br/publicacoes/revista-poli>>, restringindo-se a verificar as edições da revista que correspondem aos anos 2015 e 2016. A escolha do *corpus* se justifica pelo objeto de análise: as construções conformativas estão frequentemente presentes em textos argumentativos e objetivos, característico do gênero revista de divulgação científica. É empreendida aqui análise qualitativa dos dados. Por meio de ferramenta de busca de documento em formato PDF da revista, rastreiam-se as construções conformativas oracionais pelos quatro itens conectivos listado pelas gramáticas normativas e trabalhos funcionalistas (Bechara, 2009; Neves, 2011) – *como, conforme, consoante e segundo*.

Para este trabalho, selecionaram-se alguns exemplos de construções conformativas oracionais. Em outras palavras, os casos em que apareciam construções conformativas não oracionais (cf. Raposo *et al.*, 2013) não estão representados aqui, embora se entendam como subesquemas do domínio funcional *conformidade*. Com base na revisão bibliográfica (Mira Mateus *et al.*, 2003; Kury, 2003; entre outros), percebeu-se que existem alguns casos ambíguos, nos quais aparecem sobrepostas as funções modal (geralmente não têm vírgula entre os segmentos matriz e conformativo separados)¹ e/ou comparativas (geralmente o verbo do

¹Exemplo: "O aluno fez a pesquisa conforme o professor pediu." (Luft, 2000).

segmento conformativo está na voz passiva).² Estes tipos dados também foram excluídos, respeitando o objetivo específico deste presente trabalho.

Analisando-se 11 edições da Revista *Poli – Saúde, Educação e Trabalho* (2015 e 2016), detectaram-se 66 (sessenta e seis) ocorrências de construções conformativas oracionais. Entre as 66 construções conformativas encontradas nas 11 edições da revista, em 57 (86,4%) o *como* estava presente; em 6 (9,1%) estava o *conforme*, e em 3 (4,5%), o *segundo*. No *corpus*, não se detectaram exemplos de uso de construções preenchidas por *consoante*. Com base nesse grupo de dados, procede-se à análise.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A seguir, mostram-se alguns dados a fim de exemplificar as construções conformativas flagradas no *corpus* analisado. Os dados estão separados aqui por tipo de conectivo, apenas porque foi esse o critério utilizado para a busca no *corpus*. Em **negrito** está o segmento conformativo (S2) de cada constructo, no qual está inserido o conectivo; o trecho que é escopo de S2 está *em itálico*, aqui é chamado de segmento 1 (S1). Optou-se por não utilizar a nomenclatura cláusula (ou semelhantes) porque observou-se que nem sempre o escopo do segmento conformativo é uma oração/cláusula; em alguns casos pode-se detectar nessa posição a presença de segmentos nominais (ou até mesmo de ideias subjacentes, que podem ser inferidas pelo contexto).

Os primeiros dados trazidos são exemplos de construções conformativas com o conectivo *conforme*. Estes dados representam, como se viu na Tabela 1, apenas 9,1% do total da amostra. É um número pequeno diante da expectativa inicial da pesquisa. *Conforme*, semanticamente, é o mais transparente dos conectivos listados nas gramáticas. Para algumas gramáticas normativas, inclusive, muitas vezes é a presença desse conectivo que torna evidente o traço semântico-pragmático da conformidade nas orações, uma vez que na sua base lexical está presente a noção conformativa. A seguir, mostra-se um caso retirado do *corpus*:

[1] **Conforme OBSERVOU um dos teóricos desse processo, um dos que elaboram essa agenda em curso, o diretor da Casa das Garças, Edmar Bacha, a única maneira de congelar os gastos públicos nos marcos do que está sendo votado [PEC 241/2016, que estabelece um teto de gastos para o governo federal] é fazendo modificações constitucionais.** [*Poli*, n. 46, 2016, p. 20]

²Exemplo: "Os práticos, o oficial ou ainda o provisionado em farmácia – como eram chamados os proprietários de farmácia sem formação – iniciaram movimentos distintos para assumir a responsabilidade do seu estabelecimento, função que cabia ao profissional com curso superior" (*Poli*, n. 5, 2009, p. 22).

Em [1], observa-se que S2 traz um verbo de elocução (observar) no pretérito perfeito do indicativo,³ tem polaridade positiva, tem como escopo uma oração e está anteposto ao S1. Em S1 encontra-se uma ideia que está em conformidade com a ideia atribuída a Edmar Bacha em forma de observação. Aqui, S2 funciona como "estratégia discursiva e argumentativa utilizada para atribuir credibilidade aos argumentos apresentados na defesa de uma tese" (Arena, 2015, p. 156), ou seja, é um fator de evidencialidade. Ao inserir um segmento conformativo antes do S1, o autor oferece ao leitor dados que o preparam para a leitura do conteúdo seguinte, haja vista a extensão de S2, que é aumentada pela grande quantidade de dados sobre a fonte (Edmar Bacha). A organização dessa construção é bastante comum entre os dados flagrados. Tem-se: $[\{\text{Conjunção}_{\text{conformativa}} + V_{\text{elocução}} + \text{Sujeito}_{\text{animado}}\}\{\text{S1}\}]$. No que se refere à função, observa-se no dado [1] uma evidencialidade específica.

A seguir, outro exemplo:

[2] Para ele, a previsão de crescimento negativo para o ano que vem, **conforme PREVEEM as consultorias privadas**, ou mesmo o crescimento pequeno de 0,2% projetado pelo governo não jogam a favor de uma melhoria no mercado de trabalho. [Poli, n. 42, 2015, p. 17]

Em [2], observa-se que S2 traz um verbo de elocução (prever) no presente do indicativo, tem polaridade positiva, tem como escopo um segmento nominal e está posposto ao S1. Em S1 encontra-se uma previsão que está em conformidade com a ideia atribuída a consultorias privadas.

Nota-se que o tamanho do segmento conformativo (S2) é menor do que o do dado [1], além disso, não tem um sujeito animado, nem específico; estas características, somadas ao fato de o S2 vir posposto ao S1, demonstram que a influência desse segmento conformativo (S2) na formação da opinião do leitor não é tão grande quanto em [1]. O traço da evidencialidade é mais fraco aqui tendo em vista os fatores mencionados. Aqui, temos uma diferença na construção: $[\{\text{S1}\}\{\text{Conjunção}_{\text{conformativa}} + V_{\text{elocução}} + \text{Sujeito}_{\text{metafórico}}\}]$. No que se refere à função, observa-se no dado [2] uma evidencialidade mais genérica.

Os dois próximos exemplos serão de segmentos conformativos introduzidas pelo conectivo *segundo*. A frequência *token* da construção conformativa contendo *segundo* é bastante baixa no *corpus*, dentro do nosso recorte analítico. Acredita-se que, em construções

³ Neves (2011) informa que as construções adverbiais conformativas admitem verbos no subjuntivo e no indicativo, exceto quando introduzidas por *como* – neste caso só aceita verbos no modo indicativo.

conformativas não oracionais, a presença do conectivo *segundo* seja mais expressiva. Seguem os dados.

[3] A intenção da mineradora é construir ali a megamina Apolo que, **segundo INFORMOU a própria companhia no estudo de impacto ambiental do empreendimento**, [a megamina Apolo] seria sua “segunda Carajás”, uma referência à grandiosidade da mina de ferro localizada no Pará e explorada desde os anos 1960. [Poli, n. 38, 2015, p. 9]

Apesar de se detectar novamente um sujeito metafórico dentro de S2, notamos que o adjetivo *própria* ajuda a especificar a fonte de informação, o que auxilia na construção da argumentação do texto. Tem-se ainda um verbo de elocução (informar) no pretérito perfeito anteposto ao sujeito de S2. Mais uma vez, a extensão de S2 evidencia sua importância na preparação do leitor para a afirmação presente em S1. Em termos de forma, a construção é equivalente ao que se detectou no constructo [1], com o conectivo *conforme*: [{Conjunção conformativa + V_{elocução} + Sujeito_{metafórico}} {S1}]. Assim como no exemplo [1], o dado [3] demonstra como função a evidencialidade específica, apesar do sujeito de S2 ser mais metafórico.

O dado [4] é bastante semelhante ao que apresentamos no exemplo [3].

[4] **Segundo AFIRMARAM os representantes da pasta na cerimônia de entrega desta segunda versão**, houve mudanças significativas nos conteúdos das diversas áreas, de forma a esclarecer pontos criticados. [Poli, n. 45, 2016, p. 22]

A presença do verbo de elocução (afirmar) no pretérito perfeito do indicativo, a sua anteposição em relação ao sujeito de S2, a extensão de S2, que se antepõe a S1, corroboram o esquema proposto anteriormente. Trata-se também da forma [{Conjunção_{conformativa} + V_{elocução} + Sujeito_{animado}} {S1}], com a função de evidencialidade específica.

Apresentam-se agora os dados cujo S2 tem o *slot* conector preenchido por *como*. Esses casos foram os mais recorrentes no *corpus*: correspondem a 86,4% dos dados flagrados. A alta produtividade do *como* faz com que ele apareça em diversas construções – comparativas, causais, modais e conformativas (Rosário, 2007). Embora não seja o foco deste trabalho, vale dizer que sua alta produtividade corrobora a noção de construção (Traugott e Trousdale, 2013; Goldberg, 1997), uma vez que esse conectivo não aparece em construções conformativas não oracionais, o que demonstra que a presença de outros elementos é fundamental para a elaboração de determinada construção. Observa-se o seguinte dado [5].

[5] As atividades de mineração na Serra do Gandarela destruiriam os aquíferos, porque para operá-las é necessário retirar a camada das cangas, descartada como “estéril”. **Como você LEU acima**, é precisamente essa camada que absorve e filtra a água da chuva. [Poli, n. 38, 2015, p. 9]

O dado [5] tem um comportamento diferente dos casos anteriores. O segmento conformativo (S2), em negrito, tem como sujeito “você” (aquele que lê o texto, em interlocução). Além disso, percebe-se um verbo perceptivo (ler), e não mais de elocução, no pretérito perfeito do indicativo. Dos 57 dados com o *como*, 14 (24,5%) tinham essa configuração, o que pode ser considerado um número expressivo dentro desse estudo. Mas o que é necessário chamar atenção aqui é que S2 não funciona como fator de evidencialidade, mas constitui-se em anunciador de porções textuais. Isso se revela em um novo nó que surge na rede do esquema da conformidade: [Conjunção_{conformativa} + Sujeito_{animado} + V_{percepção(pas.)}]{S1}], com função anunciativa anafórica.⁴ Além de o verbo ser perceptivo, ele está posposto ao sujeito. A classificação anafórica se faz necessária porque existem casos que a anúnciação é feita com porção de texto posterior, conforme se verá no dado [6].

[6] Isso faz parte da condução da política”. **Como você LERÁ na reportagem sobre a PEC nesta revista (pág. 20), especialistas discordam dessa avaliação.** [Poli, n. 48, 2016, p. 17]

Neste último exemplo, temos a mesma estrutura do exemplo [6], contudo o verbo não está conjugado no passado, mas sim no futuro de presente do indicativo, remetendo ao texto que está mais adiante na revista. A diferença na conjugação verbal evidencia que a anúnciação é catafórica, ou seja, com uma porção de texto com a qual o leitor (expresso pelo sujeito “você”) ainda terá contato. A face formal é equivalente ao anterior: [Conjunção_{conformativa} + Sujeito_{animado} + V_{percepção(fut.)}]{S1}]. Entretanto, a função anunciativa é catafórica, neste caso.

Todavia, o *como* não aparece preenchendo os *slots* apenas em casos como estes dois últimos. Em [7], nota-se que as construções conformativas oracionais com *slot* do conetivo preenchido por *como* também pode aparecer com função de evidencialidade.

[7] **Como AFIRMA o economista Luiz Filgueiras, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), não poderia ser diferente, uma vez que a própria lógica por trás do ajuste fiscal é preservar a riqueza financeira por meio da manutenção de um superávit primário para o pagamento da dívida.** [Poli, n. 42, 2015, p. 15]

O verbo de elocução (afirmar) aparece novamente, agora no presente do indicativo. Nos casos em que a função é evidencialidade, o tempo/modo não influencia, de acordo com o que foi possível perceber. Tem-se um S2 com sujeito posposto ao verbo e anterior a S1, de forma a

⁴O termo anafórico/a foi adotado conforme descrito no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (CD-ROM): "processo pelo qual um termo gramatical retoma a referência de um sintagma anteriormente us. na mesma frase ou no mesmo discurso".

validar o conteúdo subsequente. Novamente aparece esta face formal $[\{ \text{Conjunção}_{\text{conformativa}} + \text{V}_{\text{elocução}} + \text{Sujeito}_{\text{animado}} \} \{ \text{S1} \}]$, com função de evidencialidade específica.

Expõe-se em [8] mais um dado com o conectivo *como*, para exemplificar sua presença em caso de evidencialidade genérica.

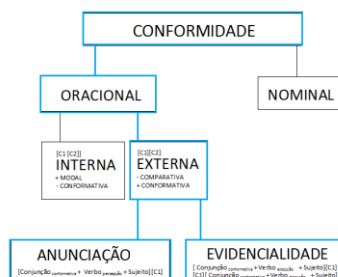
[8] A mudança radical entre a fase de ascendência do sistema do capital, na qual *a luta por melhorias dentro do capitalismo pôde sustentar alguns ganhos defensivos para a classe trabalhadora e a ilusão de um avanço progressivo até sua emancipação da exploração do capital, como PREGAVA o reformismo socialdemocrata*, e a atual fase de crise estrutural provocou enormes alterações na luta de classes. [Polí, n. 38, 2015, p. 17]

Novamente aqui a presença do verbo de elocução (pregar), que está associado a um sujeito metafórico. S1, nestes casos, antecipa S2, na medida em que este não valida a informação. Tem o aspecto da evidencialidade, mas em níveis menores do que os casos de evidencialidade específica. Sua parte formal é esta: $[\{ \text{S1} \} \{ \text{Conjunção}_{\text{conformativa}} + \text{V}_{\text{elocução}} + \text{Sujeito}_{\text{metafórico}} \}]$, com função de evidencialidade genérica.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Com base nos dados apresentados, chega-se à conclusão de que as tradicionais orações adverbiais conformativas (e todo o período chamado de composto) podem ser classificadas como construções. A partir deste presente trabalho, ficou evidente que existem subfunções dentro do domínio funcional da conformidade que precisam ser explorados para melhor entendimento desse tipo de construções. Assim, desenha-se a hierarquia construcional da conformidade em língua portuguesa (Esquema 1):

Esquema 1 – Hierarquia construcional do domínio conformidade



Fonte: elaboração própria.

No domínio funcional conformidade, notam-se dois esquemas, o oracional e o nominal (ou não oracional). Para os objetivos deste presente trabalho, o foco recai sobre o esquema das *conformativas oracionais*. Por sua vez, esse esquema subdivide-se em dois subesquemas: a

conformativa interna,⁵ que tem um sobreposição de função, com saliência da função modal, e cujo segmento conformativo (S2) tem, no geral, um escopo mais focal (verbo de S1); e a *conformativa externa*, que é alvo da análise aqui empreendida. A conformativa externa tem um escopo maior de atuação, que pode ser uma cláusula inteira ou um segmento nominal (S1), sua função é mais conformativa, passando pela função comparativa, já que só é possível se chegar à conclusão de que duas ideias ou seres estão em conformidade entre si se forem postos em comparação. Não é sem razão que alguns gramáticos inserem a conformativa dentro do grupo das comparativas (cf. Azeredo, 2004). Dentro desse subesquema, abrem-se duas microconstruções, com formas e funções bem delimitadas, como se pode ver na discussão realizada. Podem-se representar resumidamente duas microconstruções (A e B):

$$\frac{\mathbf{A}}{\text{fator de enunciação}} \\ \underline{\quad\quad\quad} \\ \{ \{C1\} \{ \text{Conjunção}_{\text{conformativa}} + \text{Sujeito} + V_{\text{percepção}} \} \}$$

$$\frac{\mathbf{B}}{\text{fator de evidencialidade}} \\ \underline{\quad\quad\quad} \\ \{ \{C1\} \{ \text{Conjunção}_{\text{conformativa}} + V_{\text{elocução}} + \text{Sujeito} \} \}$$

Assim, têm-se dois pareamentos que representam mais genericamente a terceira microconstrução do domínio funcional da conformidade em língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um grande desafio o estudo dos tradicionais períodos compostos na perspectiva da abordagem construcional da gramática. Goldberg (1995, 2006) e Traugott e Trousdale (2013) sugerem que a construção vai desde morfemas até cláusulas complexas. Entretanto, não se encontram exemplos dos chamados períodos compostos tomados como construção nessas obras. Assim, o argumento segundo o qual as orações adverbiais conformativas, somadas a sua porção matriz, formariam uma *construção conformativa* aparece na tentativa até mesmo de corroborar essa afirmação: cláusulas complexas são construções.

Aqui, embora não se tenha feito um estudo aprofundado do tema, percebe-se que diferentes formas acarretam diferentes funções pragmático-textuais para as conformativas em língua portuguesa. Percebem-se os fatores esquematicidade, produtividade e

⁵ O detalhamento deste subesquema foge aos objetivos deste presente trabalho, merecendo análise mais detalhada e criteriosa.

composicionalidade na construção conformativa. Ainda se está tentando evidenciar as classificações propostas pelos autores para esses fatores. Mas afirma-se que a soma dos sentidos individuais dos elementos que compõem esse tipo de construção não corresponde exatamente ao sentido do todo.

Como se pode notar até agora, a conformidade subdivide-se em, pelo menos, duas microconstruções diferentes. Mas a continuidade da pesquisa é fundamental para descrever e analisar melhor o complexo esquema com o qual se está trabalhando, o das construções conformativas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 17.ed. São Paulo: Saraiva, 1964.

ARENA, A. B. *Construcionalização do Conector Daí Que em Perspectiva Funcional Centrada no Uso*, 2015. Tese (Doutorado), Niterói, Universidade Federal Fluminense.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, Fapesp, 2010.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

_____.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, volume especial, dez de 2016, p. 55-67.

DECAT, B. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B *et al.* (Org.). *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

KURY, A. G. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. São Paulo: Lisa Livros Irradiantes, 1972.

_____. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

-
- LUFT, C. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.
- MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E *et al.* (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MIRA MATEUS, M. H. M *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- RAPOSO, E. B. P. *et al.* (Orgs.). *Gramática do Português II*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- ROSÁRIO, I. C. *Aspectos Sintáticos e Semânticos do Como na Linguagem Padrão Contemporânea*, 2007. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista Linguística*, volume especial, dez. 2016, p. 139-151.
- TRAUGOTT, E. C. Exaptation and grammaticalization. In: AKIMOTO, M. (Ed.). *Linguistics Studies Based on Corpora*. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing Company, 2004.
- TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.